

EDITORIAL

QUANDO EU SOLTAR MINHA VOZ POR FAVOR ENTENDA: A POLÍTICA DAS RELAÇÕES ACADÊMICAS

ANDRÉ LUIS SILVA

Doutor em Administração de Empresas, FGV/EAESP
Professor e Pesquisador na Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV/EAESP).
andre.luis.silva@fgv.br

Estou no saguão do *coffee* de mais um congresso acadêmico. Ando em meio aos muitos indivíduos com crachás, que me ignoram, confortavelmente. Ouço alguém chamando o meu nome. Olho para trás. Engano. Quanta pretensão tola: querendo acreditar que serei notado nessa multidão de egos. “Aquele ali é influente. Vou lá me apresentar, puxar o saco e dar meu cartão”, disse o jovem de terno para o colega que se fartava no *coffee* do evento. Que coisa deprimente – eu quis falar, mas não falei. Enquanto o jovem de terno ia em direção a sua presa no saguão, observei sua caminhada com atenção. Me vi imaginando quais seriam as motivações que engrenavam cada passada daquele jovem de terno em direção ao seu “influencer”. Abusando da ironia, conjecturei que essa figura estaria pensando algo, mais ou menos, assim:

“Tenho interesse em você. Na verdade, o que você faz me interessa. Não é exatamente o que você faz, mas a posição profissional que você ocupa. Essa posição me interessa. Me interessa por quem tem poder. Por quem transborda status. Gosto de quem tem influência onde eu também quero circular. Vamos combinar assim? Eu te mostro todo o meu jeito agradável e simpático. Sei que a gente não se conhece, mas vou te elogiar bastante. Sempre com sorriso no rosto. Se eu fizer tudo isso, você me ajuda? Sabe como é, as oportunidades no mundo acadêmico andam escassas. Uma ajudinha personalizada cairia muito bem. E... eu também mereço. Já fiz tanta coisa até chegar aqui, nesse momento em que falo com você. Já elogiei tanta gente pra estar aqui onde eu estou. Já fingi cordialidade com tantos estranhos que nem sei contabilizar. O fato é que eu sou muito habilidoso nesse jogo da política das relações acadêmicas. Olha pra mim! Eu não sou exatamente o que você precisa?! Você é tão inteligente, admirável, eloquente, perspicaz... Certamente é capaz de reconhecer quando encontra um dos seus, não é?! Olha aqui o meu cartão. Logo, o timbre do meu cartão mudará. Eu serei você no futuro. Pode acreditar!”

O jovem de terno ainda está tentando desenvolver uma conversa com o seu alvo. O amigo ainda se farta no *coffee* do evento, mas agora migrou para os doces. Olhando para onde está o jovem de terno e seu alvo, noto que a figura abordada parece demonstrar uma leve indiferença. Talvez, reflexo de mais uma abordagem dentre as várias já ocorridas naquele mesmo dia. Diante dessa indiferente reação, ousou continuar imaginando o que o jovem de terno estaria pensando frente a esse fato. Provavelmente seria algo neste tom:

“Percebo o seu leve desinteresse em mim e no que eu digo. Você não sabe, mas enquanto eu te olho, intimamente, confesso: você não é exatamente o tipo de gente com quem eu gosto de conviver. Só estou aqui porque a sua necessidade egocêntrica em receber elogios, pode se reverter, a mim, em uma indicação profissional ou um acesso mais rápido ao que academicamente desejo. Certamente você só está onde está porque já fez muito a política das relações acadêmicas. Nesse tipo de jogo, eu me desenvolvi cedo. Peguei gosto pela coisa. Já tenho até cartão de visitas. Você não achou que

o cartão era ao acaso né?! Eu sei que não! Veja, eu não vim nesse congresso para socializar com quem eu já conheço. O saguão é a minha arena de batalha. Investi muito para estar aqui. E só entro no jogo para ganhar. A partida começa quando, em uma das mãos, eu seguro o drink da noite. Na outra, já certifico onde está o meu cartão a ser trocado com os alvos. Aí, eu observo e vejo as possibilidades promissoras no horizonte dos encrachados. Quem estiver mais cercado por pessoas fazendo perguntas, ganha. Não desisto enquanto não trocar o meu cartão com o alvo. Ostentarei o meu mais treinado sorriso. Farei os elogios mais eloquentes. A minha política das relações está em ação”.

Deixo de observar o approach do jovem de terno ao seu alvo. Esse exercício de imaginação já me tomou tempo demais. Mas esse episódio, que não é inócuo em sua possibilidade de acontecer mais de uma vez, me leva a pensar sobre o mundo acadêmico em sua versão *petit* comitê: congressos acadêmicos. Isso porque, esse tipo de evento parece ser um cenário promissor para exercer a política das relações. No caso, refiro-me ao ato de estabelecer contatos – o dito networking – não pelo interesse genuíno nas pessoas. Mas pelo foco, único e exclusivo, no que essas pessoas podem te oferecer em formas de vantagens, benefícios ou oportunidades profissionais. Congresso acadêmico, rito anual de encontrar os tipos que orbitam a sua área acadêmica de atuação. Chance de se mostrar. Ser visto. Quem sabe, estabelecer trocas de interesses, pelos motivos dos mais variados.

A princípio, os congressos acadêmicos seriam espaços para o debate e construção do conhecimento. Basta entrar em uma sessão que, provavelmente, identificaremos aqueles que desejam mostrar “saberem mais” do que o autor da própria pesquisa; aqueles que estão mais conectados com as mensagens do celular do que com o ato de expandir, coletivamente, reflexões e ideias. Aqueles que estão apresentando o artigo feito a toque de caixa para quantificar o aumento do currículo acadêmico. Ou ainda, aqueles que estão ali porque algum participante da sessão é alguém com o qual se deseja fazer o contato da troca de cartões. Quando foi que os congressos acadêmicos se enfraqueceram, enquanto espaços para construção do conhecimento, e se tornaram a arena para o jogo político das relações acadêmicas?

Seria muito duro e pouco compreensivo olhar para o ato do jovem de terno, no saguão do congresso, como uma expressão conclusiva do que aquele indivíduo é e representa. Talvez ele seja um “porta voz” das muitas outras pessoas, naquele mesmo saguão, reproduzindo o mesmo jogo político das relações acadêmicas. Num exercício metafórico, aquele jovem de terno pode representar a tensão entre a carreira acadêmica e um ideal identitário. O saguão do congresso, se mostre, talvez, como uma arena em que se disputa oportunidades e espaço profissional. Na soma desses elementos e na construção de um único cenário, muitas figuras anônimas circulando pelo espaço. Anônimos sobrevivendo ao intenso ambiente instaurado.

Na reprodução da política das relações acadêmicas, anseios por respostas as muitas dúvidas que pairam. Seria esse um pedido de ajuda? O latente desejo de sair do anonimato e ser protagonista da própria história. Ato coletivo instaurado. Desejo soterrado pelos crachás que circulam, em farta quantidade, com seus timbres institucionais. Soterrado por angústias, frustrações e verba curta para produzir o seu trabalho e estudar para produzir. Suplantados pela tentativa desesperada de reconhecimento pela área que escolheu trabalhar. Pela tentativa de preencher o vazio de suas próprias vidas. Na ânsia de serem protagonistas de suas histórias, apostam todas as cartas no jogo da política das relações acadêmicas. Anônimas figuras reforçando sua condição de figurantes, no saguão do congresso, no inútil desespero de protagonizar conquistas individuais.

A breve fala do jovem de terno consegue dizer tanto em tão pouco. Diz algo sobre ele. Diz muito sobre nós. Algo que esse episódio também provoca é a possibilidade de pensar sobre em quais entendimentos estamos significando os congressos acadêmicos e nossa área profissional de atuação. A princípio, debater e construir o conhecimento em eventos coletivos, pressupõe um estado de presença e escuta dos participantes. Uma forma do mundo não se resumir apenas ao que se acredita e, nessa troca, acessar uma zona de expansão. Além disso, os espaços acadêmicos não

seriam lugares para refletir e encontrar a própria voz?! Muito provavelmente, um olhar ilusório sobre essa possível intenção.

Quando se deixa de ser um gerúndio (graduando, mestrando, doutorando), somos reconhecidos – em termos de titulação – como pares de nossos acadêmicos de referência. Uma nova condição para, com sorte, encontrar a própria voz na academia, seja no modo como se faz pesquisa. Seja no modo como se conduz as próprias aulas. Seja nas percepções de vida que personificam o jeito de se posicionar e devolver as ações ao mundo. Quando é que encontramos, se é que encontramos, a nossa própria voz no fazer acadêmico?

No jogo da política das relações, em meio aos muitos interesses nas entrelinhas dos elogios e diálogos, perdemos a possibilidade de nos fazer voz. Reproduzimos discursos prontos. Subvertemos a finalidade dos encontros acadêmicos em promover a reflexão e estimular debates. Diluímos a possibilidade de sermos mais autênticos. Endossamos o modo predominante das relações sociais que constituem esse espaço profissional. Para quem faz o jogo da política das relações acadêmicas, de certo, o preço pago é bem alto. Para quem decide não o fazer, o tamanho do preço se faz notável também.

Qual é o limiar entre conhecer pessoas e instrumentalizar essa interação como um subterfúgio para obter vantagens na profissão? Talvez, não caiba a ninguém definir quais são as margens delimitadoras desse limiar. Se a autenticidade é um elemento que nos aproxima da chance de encontrar a própria voz acadêmica, ter autonomia para socialmente se relacionar da maneira que lhe convier, é parte desse processo. Refletir sobre os efeitos que a política das relações pode gerar nas pessoas e na comunidade acadêmica, de alguma forma, é pôr em perspectiva como estamos desenvolvendo as nossas trajetórias individuais. Isso também requer entender que ao reproduzirmos o jogo da política das relações acadêmicas, a serviço de interesses pessoais e perdendo a autenticidade e própria voz, estaremos desenhando os rumos de um tipo perverso de destino coletivo.

Ao ouvir fragmentos da fala de um jovem de terno em busca de seu alvo no saguão do congresso, sou catalisado por reflexão. Dentre os muitos desdobramentos que essa reflexão mobiliza em mim, nesse agora, preciso atender a uma necessidade igualmente vital: me saciar com o que ainda há de *coffee* no congresso. Nesse sentido, e pelo menos nessa hora, as figuras que transitam nesses espaços, parecem encontrar um ponto comum de contato: o interesse mais legítimo é saber qual é a comida mais saborosa da noite e o melhor drink que valerá a repetição. Reposicione o seu crachá com as credenciais. Vida que segue no saguão de mais um congresso acadêmico.